

ESTRATÉGIAS COMPROMETIDAS por falta de qualificação

Empresários do setor lamentam a falta de incentivos do Estado e a oferta cursos profissionalizantes

Falta de incentivo

Há 30 anos no segmento moda praia, com a marca Vento Radical, a empresária Maria do Socorro Vale, 84 anos, chegou a contar com 11 colaboradoras até meados de 2010. Hoje, tem apenas duas auxiliares, sendo uma estagiária. “No início, trabalhávamos, também, com uniforme escolar, embora o foco fosse moda praia e *fitness*. Depois, a coisa complicou. A dificuldade em encontrar mão de obra passou a nos assustar”, lamenta. “O mercado de moda praia também estagnou justamente por falta de qualificação”, completa. Para ela, a saída para essa crise recaí sobre o Estado. “Falta incentivo do governo. Hoje, quem permanece no ramo é herói. Infelizmente, costureira deixou, há muito tempo, de ser uma profissão atrativa.”

Busca incessante

Também especializada em moda praia, Marinalva Fernandes, 47 anos, mantém, há 16 anos, em Taguatinga, o atelier de costura de sua grife Flor de Praia. Atualmente, ela conta com a colaboração de apenas duas costureiras, mas precisa ampliar sua equipe. A empresária afirma que tornou-se uma tarefa árdua encontrar profissionais que lidem com produtos diferenciados, como trajes de banho. “Até mesmo o manuseio das máquinas requer domínio e qualificação. Além disso, a *lycra* é traiçoeira, diferente dos outros tecidos e, para confeccionar cada modelo, existe uma máquina específica, assim como os acessórios que envolvem a produção, como bojos de biquínis, por exemplo”, afirma. Marinalva revela, ainda, que a falta de costureiras no DF resultou, em

Arquivo pesoal



Marinalva buscou, em vão, profissionais em outros estados, mesmo oferecendo garantia de moradia e salários vantajosos

vão, na busca dessas profissionais até em outros estados, mesmo com a promessa de moradia e salários vantajosos.

Terceirização como saída

Com mais de 15 anos no ramo de confecção, com foco em

uniformes escolares, Jesualdo dos Santos Neto, 39, emprega, atualmente, em sua empresa, Fio de Ouro, em Taguatinga Norte, 30 costureiras, com expectativa de contratar, pelo menos, mais 12 para atender à demanda do mercado. É mais um a lamentar a carência de profissionais qualificados

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Jesualdo conta com 30 colaboradoras e pretende ampliar o quadro de funcionárias, mas também enfrenta dificuldades para contratação

Maria do Socorro chegou a ter 11 colaboradores. Hoje, conta com apenas duas costureiras



na praça, fator apontado por Josualdo como grande entrave para a ampliação de sua empresa, mesmo garantindo salários atrativos. Segundo ele, a oferta de cursos profissionalizantes na área é limitada e, quando há essa possibilidade, os custos são elevados e, geralmente, oferecidos em locais

distantes. “No fim do ano passado, veio um sopro de esperança, com três novas costureiras, que alegaram ter experiência, mas, infelizmente, elas não deram conta do recado”, conta, argumentando que encontrou na terceirização de serviços a saída para atender aos crescentes pedidos. (JR)